

# assassin's creed submundo

oliver bowden

Tradução de João Félix



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

# PRIMEIRA PARTE

C I D A D E F A N T A S M A



O Assassino Ethan Frye estava encostado a um caixote na penumbra do mercado de Covent Garden, praticamente escondido pelas carroças dos comerciantes. Tinha os braços cruzados, segurava uma corrente numa mão e o capuz macio e volumoso das suas vestes cobria-lhe a cabeça. À medida que a tarde se transformava em noite, ele permanecia de pé, silencioso e imóvel. A observar. À espera.

Era raro que um Assassino pousasse o queixo sobre a sua mão dominante como ele o fazia. Especialmente quando estava a usar a sua lâmina oculta, o que era o caso de Ethan. A ponta da lâmina estava a menos de três centímetros do pescoço exposto. Junto ao cotovelo, tinha um mecanismo de mola que era leve, mas muito potente, concebido para armar o aço afiado da lâmina; o movimento certo do pulso ativava-o. De certa maneira, Ethan tinha literalmente a sua própria faca encostada ao pescoço.

Porque faria ele isso? Afinal, nem mesmo os Assassinos eram imunes a acidentes ou avarias mecânicas. Por motivos de segurança, os homens e mulheres da Irmandade tinham por hábito manter a sua própria lâmina longe da cara. Antes disso que arriscarem passar por uma vergonha ou pior.

No entanto, Ethan era diferente. Não só tinha prática na arte da contraespionagem — e repousar o queixo sobre o braço forte era um truque para enganar potenciais inimigos —, como também tinha um certo prazer macabro em cortejar o perigo.

Assim, estava ele sentado, com o queixo sobre a mão, a observar, à espera.

*Ah, pensou, o que é isto?* Endireitou-se e acordou os músculos da sua posição de repouso enquanto olhava para o centro do mercado por entre os caixotes. Os comerciantes estavam a arrumar tudo. E havia mais qualquer coisa a acontecer. O jogo ia começar.

Num beco não muito longe de Ethan, escondia-se um homem que dava pelo nome de Boot. Usava um casaco de caça esburacado e um chapéu disforme e analisava um relógio de bolso roubado momentos antes a um cavaleiro.

O que Boot não sabia sobre a sua nova aquisição era que o seu anterior dono fazia tenções de o levar a arranjar nesse mesmo dia, devido a razões que iriam brevemente ter um efeito profundo nas vidas de Ethan Frye, Boot, um jovem que se autodenominava de O Fantasma e outros envolvidos na luta eterna entre a Ordem dos Templários e a Irmandade dos Assassinos. O que Boot não sabia era que o relógio de bolso estava quase precisamente uma hora atrasado.

Sem se aperceber disso, Boot fechou-o, vendo-se como um autêntico *dandy*. De seguida, escapou-se para fora do beco, olhou para a esquerda e para a direita, depois encaminhou-se para o final de tarde do mercado. Enquanto andava, encolhido e de mãos nos bolsos, olhava por cima do ombro para confirmar que não estava a ser seguido e, mais descansado, continuou em frente, deixando o Covent Garden pelas costas e entrando no bairro degradado de St. Giles Rookery.

A mudança de ares foi quase imediata. Onde antes o tacão das suas botas soava contra a calçada, agora afundava-se no excremento da rua, agitando um fedor a vegetais em decomposição e dejetos humanos. Os passeios estavam cobertos disso, o ar tresandava. Boot colocou o cachecol sobre a boca e nariz para tapar o pior.

Um cão com um ar faminto correu junto aos seus pés por alguns momentos, com as costelas à mostra e a barriga colada às costas. Suplicava-lhe com fome, de olhos raiados de sangue. Mas Boot enxotou-o com um pontapé e o cão encolheu-se e fugiu. Ali perto, uma mulher estava sentada à porta, vestida com retalhos de roupas cosidos uns aos outros por um fio. Tinha um bebê ao colo e observava-o com um olhar morto e distante, um olhar miserável. Talvez fosse a mãe de uma prostituta, à espera que a filha regressasse a casa com dinheiro e amaldiçoasse a rapariga caso ela voltasse de mãos vazias. Ou talvez fosse a cabecilha de um grupo de assaltantes e burlões, prestes a aparecerem com os rendimentos do dia. Ou talvez ela fosse a dona de uma pensão. Ali, no bairro degradado, as casas outrora imponentes tinham sido convertidas em apartamentos e quartos arrendados e à noite acolhiam quem precisasse de abrigo: fugitivos e famílias, rameiras, comerciantes e operários — qualquer um que pagasse a dormida a troco de um espaço no chão e que só com sorte e dinheiro teria direito a uma cama, mas que na maioria dos casos teria de se contentar com um colchão de palha ou de aparas de madeira. De qualquer forma, não teriam uma noite descansada. Todos os bocados de chão estavam ocupados e os choros de bebês ecoavam pela noite.

Embora muitas destas pessoas não tivessem condições ou vontade de trabalhar, muitos outros tinham uma ocupação. Eram criadores de cães e vendedores de pássaros. Vendiam agriões, cebolas, petinga ou arenque. Eram vendedores de rua, varredores, comerciantes de café, colocadores de anúncios e transportadores de cartazes. A sua mercadoria vinha com eles para o alojamento, o que acentuava a falta de espaço e o fedor. À noite, as casas estavam fechadas, com as janelas partidas atafu-lhadas de trapos ou jornais para isolar a atmosfera intoxicante da noite, quando a cidade tossia fumo para o ar. Ouvia-se falar de famílias inteiras que tinham morrido sufocadas com o ar noturno. Pelo menos era o que se dizia. Se havia alguma coisa que se espalhava mais rapidamente do que uma doença, era um boato. No que dizia respeito aos moradores do bairro degradado, a Florence Nightingale podia pregar o que lhe apete-cesse. Eles iam dormir com as janelas seladas.

Boot pensou que não os podia criticar. Quem vivia no bairro degradado tinha grandes probabilidades de morrer. A doença e a violência abundavam ali. As crianças corriam o risco de morrerem sufocadas

quando os adultos reboavam por cima delas durante o sono. Era mais comum aos fins de semana quando já se tinha bebido o gin todo e os pubs estavam vazios, quando a mãe e o pai cambaleavam até casa por entre o nevoeiro espesso, subiam os degraus de pedra, atravessavam a porta e entravam no quarto quente e pestilento, onde finalmente se deitavam para descansar...

Então, na manhã seguinte, com o Sol já no alto, mas ainda no meio do nevoeiro, o bairro degradado acordaria com os gritos dos enlutados.

Boot continuou para o centro do bairro degradado, onde os edifícios altos tapavam até a parca luz da Lua e os candeeiros cercados pela neblina brilhavam malevolamente na escuridão. Era possível ouvir a cantoria desenfreada de um pub a algumas ruas de distância. De vez em quando, a cantoria aumentava quando a porta se escancarava para se expulsarem bêbados para o meio da rua.

No entanto, não havia bares nesta rua. Apenas portas e janelas entupidas com jornais, roupa lavada pendurada em estendais elevados, os lençóis como velas de um navio. Tirando a cantoria distante, apenas se ouvia o som de água a correr e da sua própria respiração. Só ele... sozinho.

Pelo menos, era o que ele achava.

Agora, até a cantoria distante tinha parado. O único som que se ouvia era o de água a pingar.

Um barulho súbito fê-lo dar um pulo.

— Quem está aí? — exigiu, mas percebeu logo que era uma ratazana. É uma coisa digna de se ver quando se tem tanto medo que se salta com o barulho de uma ratazana.

Mas o barulho apareceu outra vez. Boot deu meia-volta e o ar espesso dançou e amontoou-se à sua volta, parecendo que se separava como cortinas. Por um instante, ele julgou ter visto qualquer coisa. Um indício de algo. Uma figura no meio da névoa.

De seguida, pensou ter ouvido o som de respiração. A sua era curta e ofegante, quase com falta de ar; mas esta era ruidosa e calma. De onde vinha? Num segundo, parecia estar à sua frente, no outro, atrás de si. O barulho apressado surgiu novamente. Boot assustou-se com um estampido, mas veio de um dos quartos arrendados acima. Um casal começou a discutir: ele tinha vindo para casa outra vez bêbado. Boot deixou escapar um pequeno sorriso e acalmou-se um pouco. Estava ele ali de



sobressalto por causa de fantasmas, com medo de umas ratazanas e um casal de pombinhos num arrufo. O que se seguiria?

Virou-se para seguir em frente. Nesse mesmo momento, a neblina à sua frente levantou-se numa nuvem e, por entre ela, uma figura encapuzada caminhava decididamente na sua direção. Antes de Boot conseguir reagir, a figura já o tinha agarrado e puxado o punho atrás, como se o fosse esmurrar. Mas, em vez de desferir o golpe, o seu atacante fez um gesto com o pulso e, com um som metálico e suave, surgiu subitamente uma lâmina de dentro da sua manga.

Boot cerrou os olhos. Quando os abriu, foi para ver o homem encapuzado atrás da lâmina que estava a dois centímetros do seu olho.

Boot urinou-se.

Ethan Frye permitiu-se ter um pequeno momento de agrado pela precisão da sua lâmina, depois varreu as pernas de Boot e atirou-o contra a calçada imunda. O Assassino sentou-se em cima de Boot, pressionando-o com os joelhos enquanto encostava a lâmina contra o seu pescoço.

— Agora, meu amigo — disse, sorrindo —, porque é que não comesças por me dizer o teu nome?

— Chamo-me Boot, senhor — guinchou Boot, com a ponta da faca a enterrar-se dolorosamente na sua carne.

— Muito bem — disse Ethan. — A verdade é boa política. Agora vamos ter uma conversa os dois, pode ser?

O homem tremia debaixo dele. Ethan tomou isso como um sim.

— É suposto receberes uma chapa fotográfica, estou certo, senhor Boot? — Boot tremia. Ethan tomou isso como outro sim. Por enquanto, tudo corria bem. As informações que tinha eram seguras; este Boot era um elo de ligação num caminho que acabava com impressões eróticas a serem vendidas em certos bares de Londres. — E estão à tua espera no Jack Simmons para recolheres esta chapa fotográfica, estou certo?

Boot acenou.

— Qual é o nome do homem com quem é suposto encontrares-te, senhor Boot?

— Eu... Eu não sei, senhor...

Ethan sorriu e inclinou-se ainda para mais perto de Boot.

— Meu rapaz, és pior mentiroso que amante — disse, exercendo um pouco mais de força na lâmina. — Consegues sentir onde a faca está agora? — perguntou.

Boot piscou os olhos.

— Isso é uma artéria. É a tua carótida. Se eu a abrir, vai ficar tudo vermelho. Bom, pelo menos a rua. Mas nenhum de nós quer isso. Para quê estragar uma noite tão agradável? Em vez disso, que tal se me disseses com quem é que tinhas combinado encontrar-te?

Boot pestanejou.

— Ele mata-me se eu disser.

— Isso é uma possibilidade, mas eu mato-te se não me disseses e o único aqui que tem uma faca no teu pescoço sou eu, não é ele, pois não? — Ethan aumentou a pressão. — Faz a tua escolha, meu amigo. Ou morres agora ou depois.

Nesse momento, Ethan ouviu um barulho vindo da sua esquerda. Meio segundo depois, tinha a sua arma *Colt* na mão, com a lâmina ainda encostada ao pescoço de Boot enquanto procurava apontar para um novo alvo.

Era uma rapariga vinda do poço. Estacou, de olhos esbugalhados e com um balde a transbordar de água suja na mão.

— Peço desculpa, menina. Não a quis assustar. — Ethan sorriu. O seu revólver regressou para dentro das vestes e a sua mão vazia voltou a aparecer para assegurar a rapariga de que ele não era uma ameaça. — Só desejo mal a bandidos e ladrões como este homem aqui. A menina talvez queira voltar para sua casa — dizia, com um gesto, mas ela não estava a ir a lado nenhum. Limitava-se a olhar para os dois, com os olhos brancos no meio de uma cara suja, plantada ao chão de medo.

Ethan praguejou para si. A última coisa que ele queria era ter público. Especialmente se esse público fosse uma rapariga a vê-lo com uma lâmina encostada ao pescoço de um homem.

— Muito bem, senhor Boot — disse ele, mais rapidamente do que antes. — A situação mudou, por isso vou ter de *insistir* que me diga exatamente com quem se ia encontrar...

Boot abriu a boca. Talvez estivesse prestes a dar a Ethan a informação que ele queria. Ou talvez ele estivesse prestes a dizer a Ethan onde é que ele podia meter as suas ameaças. Ou o mais provável era simplesmente choramingar que não sabia.

Ethan nunca chegou a descobrir, porque assim que Boot começou a responder, a sua cara rebentou.

Aconteceu no instante antes de Ethan ouvir o tiro, rebolando de cima do corpo enquanto sacava do revólver no momento em que um segundo tiro ecoou. Ethan lembrou-se da rapariga demasiado tarde, virou rapidamente a cabeça para ela ainda a tempo de a ver rodopiar, com sangue espalhado pelo peito e largando o balde de água ao mesmo tempo. Estava morta antes de atingir a calçada, com um tiro que era para ele.

Ethan não arriscou devolver o tiro, com medo de acertar noutra inocente no meio do nevoeiro. Agachou-se, preparando-se para outro tiro, um terceiro ataque na penumbra.

Não aconteceu. Em vez disso, ouviu-se o som de passos de corrida. Então Ethan limpou os bocados de osso e de cérebro da cara, guardou a *Colt* e recolheu a lâmina oculta de volta para o seu encaixe, depois saltou contra uma parede. Mal as suas botas ganharam um pouco de tração nos tijolos molhados, agarrou-se a um cano de escoamento e trepou até ao telhado de um prédio de arrendamento em busca da luz noturna para poder seguir os passos de corrida do atirador em fuga. Tinha sido assim que Ethan havia entrado no bairro degradado e pelos vistos era assim que iria sair, dando saltos curtos entre telhados e atravessando o bairro à medida que seguia incessantemente e em silêncio o rasto da sua presa. Tinha gravada na mente a imagem da rapariga e o odor metálico da massa cinzenta de Boot nas narinas.

Agora só tinha importância uma coisa. O assassino iria provar a sua lâmina antes de a noite acabar.

Em baixo ouvia as botas do atirador a baterem e chapinharem nas pedras da calçada e Ethan seguia-o silenciosamente. Não conseguia ver o homem, mas sabia que iria apanhá-lo. Chegado à borda de um edifício e sentindo que tinha avanço suficiente, desceu pela parede abaixo, usando os parapeitos para o fazer rapidamente até chegar ao nível da rua, onde se agarrou à parede, expectante.

O som das botas a correr surgiu segundos depois. No instante seguinte, a neblina parecia movimentar-se e erguer-se, como que a anunciar esta nova presença. Então surgiu um homem de fato, com um bigode farfalhado e suíças grossas, a arfar.

Tinha uma pistola na mão. Não estava a fumar, mas era como se estivesse.

Embora Ethan viesse a dizer mais tarde a George Westhouse que tinha atacado em autodefesa, isto não era completamente verdade. Ethan tinha o fator surpresa. Ele podia, e devia ter desarmado o homem e tê-lo interrogado antes de o matar. Em vez disso, engatilhou a sua lâmina e espetou-a no coração do assassino com um grunhido vingativo enquanto via com satisfação os olhos do homem a apagarem-se.

Ao fazer isto, o Assassino Ethan Frye estava a cometer um erro. Estava a ser descuidado.

— A minha intenção era pressionar Boot para me dar a informação de que eu precisava antes de me fazer passar por ele — disse Ethan ao Assassino George Westhouse no dia seguinte após ter contado o sucedido —, mas não me apercebi de que Boot estava atrasado para o seu encontro. O seu relógio de bolso roubado estava atrasado.

Encontravam-se sentados no quarto de pintar da casa de George Croydon.

— Estou a ver — disse George. — Em que momento te apercebeste disso?

— Deixa-me ver. Foi no momento em que já era demasiado tarde.

George acenou.

— Qual era a arma de fogo?

— Era uma *Pall Mall Colt*, semelhante à minha.

— E mataste-o?

A lareira crepitava e chispou, interrompendo o silêncio que se seguiu. Desde que se reconciliara com os seus filhos, Jacob e Evie, Ethan tinha ficado introspetivo.

— Matei-o, George, e não foi nada que ele não merecesse.

George fez cara feia.

— O merecimento não tem nada a ver com o assunto. Sabes disso.

— Oh, mas a menina, George. Devias tê-la visto. Era apenas uma criança franzina. Não devia ter metade da idade da Evie.

— Ainda assim...

— Não tive escolha. Ele tinha a pistola engatilhada.

George olhou para o seu velho amigo com preocupação e afeto.

— Em que é que ficamos, Ethan? Mataste-o porque ele mereceu ou porque não tiveste escolha?

Ethan tinha lavado a cara e assoado o nariz mais de uma dúzia de vezes, mas ainda parecia sentir o cheiro do cérebro de Boot.

— Porque é que uma tem de impedir a outra? Tenho trinta e sete anos de idade e já vi mais do que a minha conta de mortes e sei perfeitamente que as ideias de justiça, equidade e compensação estão em segundo plano face à capacidade, e a capacidade depende da sorte. Quando a Fortuna se vira para nós. Quando a bala do assassino vai para outro lado, quando ele baixa a guarda, nós agarramos a nossa oportunidade, antes que a Fortuna nos vire costas outra vez.

Westhouse perguntava-se quem estaria o seu amigo a tentar enganar, mas decidiu prosseguir.

— É pena que tenhas tido que derramar o seu sangue. Presumo que fosse necessário saber mais sobre ele?

Ethan sorriu e passou a mão sobre a testa.

— Foi-me concedido um pouco de sorte. A chapa fotográfica que ele trazia tinha uma inscrição que identifica o fotógrafo, portanto fui capaz de chegar à conclusão de que o homem morto e o fotógrafo eram a mesma pessoa, um rapaz chamado Robert Waugh. Tinha ligações aos Templários. As suas impressões eróticas iam numa direção, para eles, mas também para outra, para os bairros pobres e pubs, por via do Boot.

George assobiou silenciosamente.

— O senhor Waugh estava a praticar um jogo perigoso...

— Sim e não...

George inclinou-se para atizar o fogo.

— O que queres dizer com isso?

— Quero dizer que, em muitos aspetos, o seu jogo de os dois mundos permanecerem separados foi-lhe rentável. Hoje eu vi os pardieiros com outros olhos, George. Foi uma lembrança de como vivem os pobres. Este é um mundo tão afastado do dos Templários que é praticamente inacreditável que ambos partilhem o mesmo país, quanto mais a mesma cidade. Se queres saber, o nosso amigo, o senhor Waugh, tinha todos os motivos para acreditar que os caminhos dos seus negócios paralelos nunca se iriam cruzar. Os dois mundos em que ele se movimentava encontravam-se em extremos opostos. Os Templários não percebem nada dos pardieiros. Eles vivem a montante da imundice fabril que polui as águas dos pobres e a barlavento da poluição e fumo que contaminam o ar.

— Tal como nós, Ethan — disse George soturnamente. — Quer queiramos ou não, o nosso mundo é feito de clubes de cavalheiros e quartos de pintar, de templos e de salas de conselho.

Ethan olhou para as chamas.

— Nem todos somos assim.

Westhouse sorriu e acenou.

— Estás a pensar no teu homem, O Fantasma? Será que tens alguma vontade de me dizeres quem O Fantasma é ou o que é que ele está a fazer?

— Isso tem de continuar a ser um segredo meu.

— Então o que tem ele?

— Aha, bom. Elaborei um plano que envolve o recém-falecido, o senhor Waugh e O Fantasma. Se tudo correr bem e O Fantasma conseguir fazer o seu trabalho, então talvez até possamos apanhar o próprio artefacto que os Templários procuram: o Pedaco do Éden.

John Fowler estava cansado. E com frio. E, pelo ar das nuvens que se juntavam, em breve iria ficar molhado.

Tal como esperava, o engenheiro sentiu as primeiras gotas de chuva baterem-lhe no chapéu e apertou com mais força o seu tubo de couro com desenhos contra o peito, praguejando contra o tempo, o barulho, tudo. A seu lado estava o Solicitador de Londres, Charles Pearson, bem como a esposa de Charles, Mary. Ambos semicerravam os olhos com a chuva que começava a cair e os três encontravam-se ali de pé, cercados por lama, a olhar num misto de melancolia e espanto para a enorme cicatriz na terra que era a nova linha metropolitana.

Cerca de cinquenta metros à frente do trio, o chão dava lugar a um poço afundado que se abria para uma vasta abertura — a “fenda” — com oito metros de largura e cerca de duzentos metros de comprimento, deixando depois de ser uma fenda ou abertura para se tornar num túnel. O seu arco em tijolo servia de limiar para aquele que era o primeiro troço de caminho de ferro subterrâneo do mundo.

Mais ainda, era o primeiro troço *operacional* de caminho de ferro do mundo: os comboios andavam dia e noite sobre os carris acabados de assentar, a empurrar vagões carregados de gravilha, barro e areia de secções inacabadas da linha mais adiante. Andavam para trás e para a frente, com o fumo e o vapor praticamente a sufocar os grupos de operários que trabalhavam na boca do túnel, carregando de areia baldes de couro em cima de um tapete rolante que, por sua vez, levava os despojos para o nível do solo.



A empreitada era da responsabilidade de Charles Pearson. O Solicitador de Londres tinha feito campanha durante quase duas décadas em defesa de uma nova linha que ajudasse a aliviar os congestionamentos cada vez maiores em Londres e os seus subúrbios. Por sua vez, John Fowler concebeu a sua construção. Ele era, ao contrário do que as suas suíças espantosamente viçosas faziam antever, o engenheiro ferroviário mais experiente do mundo. Assim, fora o candidato mais óbvio para desempenhar o papel de engenheiro-chefe dos Caminhos de Ferro Metropolitanos. No entanto, tal como tinha dito a Charles Pearson no momento em que fora contratado, a sua experiência podia não servir de nada. Afinal, aquilo era algo que nunca tinha sido feito antes: uma linha ferroviária debaixo do chão. Uma obra enorme; não, uma obra *gargântua*. Na verdade, havia quem dissesse que esta era a obra de construção mais ambiciosa desde o tempo das pirâmides. Era certamente um exagero, mas havia dias em que Fowler concordava com isso.

Fowler decidira que a maioria da linha, por ter pouca profundidade, poderia ser escavada utilizando um método conhecido por “cortar e tapar”. Isto envolvia abrir uma fenda na terra de oito metros de largura e cinco de profundidade. Dentro da fenda eram construídas paredes de retenção em tijolo com três camadas. Nalgumas secções eram colocadas vigas de ferro no topo das paredes laterais. Outras eram feitas de arcos em tijolo. Depois, o corte era tapado e a superfície reconstruída, com o túnel feito.

Isto implicava destruir estradas e casas e, nalguns casos, construir estradas temporárias, para depois reconstruir tudo. Implicava deslocar milhares de toneladas de entulho e gerir condutas de gás, água e esgotos. Implicava inventar um pesadelo interminável de barulho e destruição, como se tivessem detonado uma bomba em Fleet Valley, em Londres. Não. Era como se estivessem a detonar uma bomba em Fleet Valley todos os dias durante os últimos dois anos.

As obras continuavam durante a noite, com tochas e braseiros acesos. Os operários trabalhavam em dois grandes turnos; a mudança de turno era sinalizada com três toques de sino ao meio-dia e à meia-noite. Os turnos mais pequenos eram feitos quando os homens trocavam de tarefas, passando de um trabalho desgastante e monótono para outro, mas sempre a trabalhar.

A maior parte do barulho vinha dos sete tapetes rolantes usados no

projeto, um dos quais tinha sido ali edificado. Era um andaime alto em madeira construído dentro do poço, elevando-se oito metros por cima deles, numa produção constante de pó e barulho, como marteladas numa bigorna. Trazia entulho das partes mais distantes da escavação e neste momento era ali que os homens estavam a trabalhar aos magotes. Alguns encontravam-se no poço, outros à superfície, alguns pendurados como lémures do lado de fora da estrutura, encarregues de assegurar a passagem do tapete rolante enquanto baldes gigantes cheios de barro eram içados da fossa para fora.

À superfície, homens com pás trabalhavam arduamente numa montanha de terra escavada. Carregavam-na para carroças com cavalos, quatro das quais esperavam e cada uma delas com uma nuvem de gaivotas a pairar sobre si. Os pássaros rodopiavam e mergulhavam para apanharem comida, sem se preocuparem com a chuva que começava a cair.

Fowler virou-se para olhar para Charles que, embora parecesse doente por segurar um lenço sobre os lábios, de resto estava de bom humor. Fowler refletiu que havia algo de indomável no que dizia respeito a Charles Pearson. Não tinha a certeza se era determinação ou insanidade. Aqui estava um homem que tinha sido alvo de chacota durante mais de duas décadas, na verdade desde o tempo em que ele sugerira uma linha metropolitana pela primeira vez. “Comboios nos esgotos” era a piada da altura. Tinham-se rido quando ele apresentou os planos para um comboio atmosférico, com carruagens movidas por tubos através de pressão de ar. *Por tubos*. Não era de admirar que, por mais de uma década, Pearson fosse um alvo constante da revista *Punch*. Todos se divertiam às suas custas.

Depois, com toda a gente ainda a rir-se daquilo, surgiu um plano, o projeto de Pearson. Era um plano para construir um caminho de ferro subterrâneo entre Paddington e Farringdon. Os bairros degradados de Fleet Valley seriam limpos, os seus habitantes mudados para fora da cidade, para os subúrbios, e usariam este novo caminho de ferro para “comutarem”.

Com uma súbita injeção de dinheiro por parte das companhias de caminhos de ferro do Oeste e do Norte, a Great Western Railway e a Great Northern Railway, bem como da City of London Corporation, o projeto tornou-se uma realidade. Ele, o referido John Fowler, foi contratado como engenheiro-chefe para os Caminhos de Ferro Metropolitanos

e a obra começara no primeiro poço em Euston quase precisamente dezoito meses antes.

E as pessoas continuavam a rir?

Sim, continuavam. Só que agora era um riso azedo e sem boa disposição. Porque dizer que a visão de Pearson da limpeza dos pardieiros tinha corrido mal era pouco. Não havia casas nos subúrbios e, pelos vistos, ninguém tinha grande vontade para as construir. E um pardieiro com pouca gente é coisa que não existe. Todas aquelas pessoas tiveram de ir para algum lado, por isso foram para outros bairros degradados.

Depois, é claro, havia a perturbação causada pelas obras em si. As ruas ficaram intransitáveis, foram destruídas ruas, fecharam empresas e os comerciantes exigiam ser indemnizados. Quem vivia junto à linha fazia-o num permanente caos de lama, motores, do barulho do tapete rolante, pás e picaretas a martelarem, operários a gritarem uns para os outros e um medo constante de que as suas fundações desabassem.

Não havia descanso. À noite acendiam-se fogos e o turno da noite rendia o turno do dia, permitindo-lhes fazer o que os homens do turno do dia fazem: beber e brigar até ser dia. Parecia que Londres tinha sido invadida por operários. Apoderavam-se de todos os sítios para onde iam. Só as prostitutas e os donos de pubs ficavam satisfeitos de os ter ali.

Depois havia os acidentes. Primeiro, um maquinista bêbado tinha descarrilado em King's Cross e atirado o comboio para dentro do poço da obra. Não houve feridos. A revista *Punch* teve um dia em cheio. A seguir, quase um ano depois, as escavações em Euston Road tinham colapsado, levando consigo os jardins, os passeios e os postes de telégrafo, destruindo as condutas de gás e água e abrindo um buraco no meio da cidade. Espantosamente, não houve feridos. O senhor *Punch* também gostou desse episódio.

— Estava com esperança de poder ouvir boas notícias hoje, John — gritou Pearson, levando o lenço à boca, uma coisa frágil, parecida a um naperon. Ele tinha sessenta e oito anos, enquanto Fowler tinha quarenta e quatro, mas parecia ter o dobro da idade. Os seus esforços ao longo das últimas duas décadas tinham-no envelhecido. Apesar do sorriso fácil, o cansaço constante era visível à volta dos olhos e a pele junto ao maxilar era como cera de uma vela derretida.

— Que quer que eu lhe diga, Sr. Pearson? — gritava Fowler. — O que quer ouvir sem ser que...? — gesticulava para a obra.

Pearson riu-se.

— O barulho dos motores é encorajador, lá isso é verdade. Mas talvez gostasse de ouvir que já não estamos com atraso. Ou que todos os advogados em litígio conosco em Londres foram atingidos por um raio. Que Sua Majestade, a Rainha em pessoa, afirmou ter plena confiança no metropolitano e faz tenções de o usar assim que puder.

Fowler observava o amigo, novamente maravilhado pelo seu ânimo.

— Nesse caso lamento, Sr. Pearson. Não lhe posso dar mais nada a não ser más notícias. Continuamos atrasados. E este tempo só atrasa mais a obra. É provável que a chuva inunde o motor e os homens no tapete rolante irão beneficiar de uma folga imprevista.

— Então sempre há boas notícias — gozou Pearson.

— Quais são? — gritou Fowler.

— Vamos ter — dizia, no momento em que o motor se engasgou e morreu — silêncio.

E, por um momento, havia realmente uma calma chocante, à medida que o mundo se adaptava à ausência do barulho. Apenas se ouvia o som da chuva a cair sobre a lama.

Depois, ouviu-se um berro vindo do poço

— Está a escorregar. — Olharam para cima e viram o andaime da grua inclinar-se um pouco e um dos homens ficar dependurado ainda mais perigosamente que antes.

— Vai aguentar — disse Fowler ao ver a preocupação de Pearson. — Parece pior do que é.

Um homem supersticioso teria feito figas. Os operários também não estavam a correr riscos e o grupo em cima da grua apressou-se a sair, correndo para os suportes de madeira como piratas em cima de cordames. Pareciam ser centenas deles, de tal forma que Fowler sustinha a respiração e parecia querer que a estrutura suportasse o súbito peso extra com o poder da sua mente. Devia aguentar. Tinha de aguentar. E aguentou. Os homens emergiram, a gritar e a tossir, com pás e picaretas, que eram tão preciosas como os seus próprios membros. Juntaram-se em grupos, cada um com os da sua zona, mas todos eles cobertos de lama.

Fowler e Pearson viam-nos a agruparem-se como habitualmente: londrinos, irlandeses, escoceses, rurais, outros. Com as mãos enfiadas nos bolsos ou de braços cruzados para se protegerem do frio, de ombros encolhidos e boinas bem enfiadas contra a chuva.

Naquele momento deu-se um grito e Fowler virou-se para ver a agitação junto à fenda. Um dos operários tinha-se aproximado e agora estava sobre a borda do poço, a olhar para qualquer coisa dentro da abertura.

— Senhor! — Marchant, o chefe de obra agitava os braços na sua direção, pedindo-lhe que fosse ter com ele. Colocou as mãos à volta da boca e gritou: — Senhor. Devia vir ver isto.

Instantes depois, Fowler e Pearson tinham atravessado a lama, com os homens a afastarem-se para os deixarem passar, e agora estavam no topo da fenda a olhar para baixo, para lá das escoras e dos baldes do tapete rolante silencioso. Olhavam para o lago de água lamacenta que se tinha formado no fundo e já estava a subir.

Havia um corpo a boiar nela.

A chuva parara, graças a Deus, e o nível da água na fenda tinha descido, mas as máquinas continuavam em silêncio. Com a mão no chapéu, Marchant saíra a correr para informar o seu superior direto, Cavanagh, um dos diretores dos Caminhos de Ferro Metropolitanos. Entretanto, outro homem tinha sido enviado à procura de um polícia. Foi este que chegou primeiro, um guarda novo com suíças fartas e que se apresentou como Guarda Abberline e depois tossicou e retirou o capacete para poder tratar do assunto de ver o corpo.

— Já foi alguém lá abaixo, senhor? — perguntou a Pearson, apontando para a fossa.

— A zona foi isolada assim que o corpo foi descoberto, senhor guarda. Como pode imaginar, isto provocou alguma agitação.

— Ninguém gosta de ver um morto antes do lanche da manhã, senhor.

Aqueles que ainda ali estavam reunidos observavam o polícia debruçar-se a medo na tentativa de olhar para o fundo da fenda e depois fazer sinal a um homem ali perto.

— Importa-se, amigo? — disse ele, entregando o seu capacete ao trabalhador, depois desapertou e tirou o cinto, gabardine e algemas e desceu pela escada para ver o corpo de perto.

A multidão juntou-se a olhar para baixo e viu-o rondar à volta do corpo, levantando um braço, depois o outro. Agora, o polícia agachava-se e os observadores sustinham a respiração com expectativa enquanto o polícia virava o corpo para cima.

Já na fenda, Abberline engolia em seco. Não estava habituado a ter as atenções sobre si e desejou ter deixado instruções para os homens se afastarem. Ladeavam ambos os lados da fenda. Até conseguia ver a presença de Fowler e do Sr. e da Sra. Pearson. Todos eles o observavam, cinco metros acima.

Certo. Prestou de novo atenção ao morto, pondo de parte aquele constrangimento todo para se concentrar no trabalho em questão.

O corpo, então. De cara para baixo na lama, com um braço levantado, como se estivesse a tentar chamar uma carruagem, o morto tinha vestido um fato de *tweed*. As suas botas castanhas eram de boa qualidade e, apesar de estarem cobertas de lama, estavam em boas condições. *Não é a roupa de um desgraçado*, pensou Abberline. Agachado, sem prestar atenção à lama que ensopava as suas roupas, respirou fundo e agarrou nos ombros do homem, gemendo com o esforço enquanto o rebolava de barriga.

Do alto veio uma onda de reação, mas Abberline estava de olhos fechados, na tentativa de atrasar o momento em que tinha de ver a cara do homem. Abriu os olhos hesitantemente e enfrentou o olhar sem vida do cadáver. Tinha trinta e muitos anos e um bigode farto e grisalho à Príncipe Alberto que parecia estar cuidado, bem como suíças espessas. Não tinha ar de ser um homem rico, mas também não era trabalhador. Tal como Abberline, fazia parte da nova classe média.

De qualquer forma, era um homem com uma vida, alguém cujos familiares mais próximos, quando fossem informados, iriam querer uma explicação sobre como é que ele acabara numa fenda em New Road.

Abberline não conseguia evitar sentir um certo entusiasmo vergonhoso ao pensar isto, mas tratava-se de uma investigação.

Desviou o olhar dos olhos cegos do homem e verificou o seu casaco e camisa. Via-se uma mancha de sangue, apesar da lama, com um buraco perfeito no centro. Ou Abberline se enganava muito ou aquilo era uma ferida de perfuração.

Abberline já tinha visto vítimas de esfaqueamento antes, é claro, e sabia que as pessoas armadas com facas esfaqueavam e davam golpes da mesma maneira que davam murros. Várias vezes e caoticamente: “Bomf, bomf, bomf.”

Mas isto era uma só ferida, diretamente no coração. Aquilo a que se podia chamar de uma morte limpa.

Por esta altura Abberline tremia de entusiasmo. Tinha-se sentido culpado antes, ao recordar-se de que, afinal, isto envolvia uma pessoa morta. Numa situação daquelas não se deve sentir mais nada a não ser pesar por ele e pela sua família, muito menos entusiasmo. Mas mesmo assim...

Começou a revistar rapidamente o corpo e encontrou-o de imediato: um revólver. *Jesus, pensou, este tipo estava armado com uma pistola e perdeu a luta com alguém com uma faca.* Colocou a arma de novo no interior de um bolso do casaco.

— Vamos ter de içar o corpo daqui para fora — gritou para cima, na direção dos chefes. — Senhores, podem ajudar-me a cobri-lo e a pô-lo numa carroça para o levar para a morgue?

Dizendo isto, começou a subir pela escada enquanto eram dadas ordens e uma equipa de homens começou a descer pelas outras escadas com diferentes graus de vontade e receio. Chegado ao topo, Abberline limpou as mãos sujas no traseiro das calças. Ao mesmo tempo, olhava para as expressões dos homens ali reunidos, interrogando-se se o assassino estaria ali algures, a admirar o seu serviço. A única coisa que viu foram filas e filas de caras sujas, todas a fitarem-no decididamente de volta. Ainda havia outros que se amontoavam à volta da borda da abertura, a verem o corpo ser levado para cima e deitado nas traseiras de uma carroça. A lona esvoaçou ao ser sacudida para trás e usada para o cobrir. Era uma mortalha que escondia novamente a cara do homem morto.

Entretanto, tinha começado a chover intensamente outra vez, mas Abberline estava focado num homem bem vestido que se encaminhava para as tábuas na direção deles que atravessavam a extensão de lama. Logo atrás dele seguia um lacaios com um grande caderno em pele, com os atilhos soltos e a esvoaçar enquanto tentava futilmente acompanhar o passo do seu amo.

— Senhor Fowler! Senhor Pearson! — chamou o homem, gesticulando com a bengala a exigir a sua atenção. Toda a obra ficou em silêncio, mas de uma maneira diferente. Havia muita agitação. De repente, os homens olhavam muito para os seus pés.

*Oh, sim?*, pensou Abberline. *O que temos aqui?*

Tal como Fowler e Pearson, o recém-chegado usava um fato elegante, embora o fizesse com mais estilo, como se estivesse habituado a chamar à atenção de uma senhora que se cruzasse com ele. Não tinha



barriga e os seus ombros eram direitos, ao contrário dos dos seus colegas, que eram curvados do peso e das preocupações. Abberline reparou que, quando ele levantou o chapéu, tinha uma cabeleira farta, com cabelos quase até aos ombros. No entanto, embora a sua receção fosse calorosa, o seu sorriso, que era mecânico e desapareceu tão rapidamente como surgiu, nunca chegou aos olhos. As senhoras que se deixassem impressionar pela sua maneira de vestir e aparência global iriam pensar duas vezes assim que vissem aquele olhar frio e penetrante.

Quando o homem e o seu laçao se aproximaram deles, Abberline olhou primeiro para Pearson e Fowler, reparando no desconforto estampado nos seus olhos e na hesitação de Charles Pearson ao apresentar o homem.

— Este é o nosso colega, o Sr. Cavanagh, um diretor da Companhia do Metropolitano. Ele supervisiona o dia a dia das operações de escavação.

Abberline tocou no sobrolho, pensando para si: *Então qual é a tua história?*

— Ouvi dizer que encontraram um corpo — disse Cavanagh. Tinha uma grande cicatriz do lado direito da cara, como se alguém tivesse, em tempos, usado uma faca para sublinhar o seu olho.

— É verdade, senhor. Encontrámos — suspirou Pearson.

— Vamos vê-lo, então — ordenou Cavanagh. Nesse instante, Abberline puxou a lona para trás, mas Cavanagh limitou-se a menear a cabeça por não o reconhecer.

— Não é ninguém que eu conheça, graças a Deus, e pelos vistos não é nenhum dos nossos. Uma esponja. Sem dúvida era um bêbado como o pobre desgraçado que nos está a fazer uma serenata daquele lado.

Fez um gesto para onde, do outro lado da vedação, um homem miserável estava parado a olhar para eles, irrompendo ocasionalmente numa canção enquanto erguia uma garrafa partida de qualquer coisa repugnante.

Cavanagh virou costas à carroça.

— Marchant! Põe estes homens a trabalhar. Já perdemos tempo que chegue.

— Não — ouviu-se uma voz isolada. Era a voz da Sra. Pearson, dando um passo à frente do marido. — Morreu um homem aqui. Como sinal de respeito, devíamos suspender as escavações pela manhã.

Cavanagh ligou o seu sorriso automático. Imediatamente, e de uma forma oleaginosa, levantou o chapéu alto e fez uma grande vénia.

— Sra. Pearson, perdoe-me, por favor. Que falta a minha, ter-me esquecido de que estão presentes sensibilidades mais delicadas. No entanto, como o seu esposo poderá confirmar, é habitual sermos o local para desventuras e receio que a mera presença de um morto não seja suficiente para impedir que os trabalhos no túnel continuem.

A Sra. Pearson virou-se.

— Charles?

Em resposta, o marido baixou os olhos. As mãos enluvadas não paravam de mexer no cabo da sua bengala.

— O Sr. Cavanagh tem razão, minha querida. O pobre coitado foi retirado, o trabalho tem de continuar.

Ela lançou um olhar penetrante ao seu marido, que desviou o dele. Depois a Sra. Pearson subiu as saias e saiu.

Abberline observou-a a ir-se embora, reparando no ar matreiro e triunfal de Cavanagh ao se ocupar com a tarefa de reunir Marchant e os homens, bem como no ar de tristeza de Charles Pearson, um homem dividido que agora também se virava para sair atrás da sua esposa.

Entretanto, Abberline tinha de levar o cadáver para Belle Isle. Ficou abatido só de pensar nisso. Dificilmente haveria um sítio pior no mundo inteiro do que os pardieiros de Belle Isle.

Por entre os homens que estavam, naquele momento, a ser pressionados, persuadidos, intimidados e ameaçados para regressarem ao trabalho pelo chefe de obra, havia um jovem trabalhador indiano que, embora aparecesse na folha de presenças como Bharat e, caso algum dos homens a trabalhar a seu lado tivesse curiosidade para lhe perguntar, era esse o nome que ele dava, via-se a si próprio como tendo outro nome.

Ele via-se a si próprio como sendo “O Fantasma”.

Em todos os aspetos visíveis, O Fantasma não era digno de nota. Vestia roupas semelhantes às dos outros operários: camisa, cachecol, boina de ferroviário, colete e casaco de trabalho. No entanto, não usava botas, andava descalço. Era um trabalhador competente e responsável, nem melhor nem pior do que qualquer outro e era completamente sociável caso se encontrasse em situações de conversa. Não era especialmente

falador e muito menos do tipo de começar uma conversa, mas também não era particularmente introvertido.

Mas O Fantasma estava sempre a observar. Sempre a ver. Tinha visto o corpo e, por sorte, tinha estado suficientemente perto para verificar antes de ter sido dada a ordem de evacuar a fossa. Também tinha visto o bêbado junto à vedação e, no meio da confusão que se seguiu, tinha conseguido cruzar um olhar com ele. Nesse instante, como se tivesse uma comichão, coçou o peito. Foi um gesto insignificante e praticamente invisível para todos os outros.

Depois vira Abberline chegar. Viu Cavanagh entrar de rompante na obra e viu com muito cuidado quando puxaram a lona atrás e Cavanagh olhou para a cara do morto, escondendo que o reconhecia.

Oh, ele era bom. O Fantasma tinha de lhe dar o devido crédito. Os poderes de dissimulação de Cavanagh estavam quase à altura dos seus, mas os olhos dele tinham tremido brevemente quando ele viu a cara. Ele conhecia o homem.

Agora O Fantasma via Abberline sair na carroça, levando certamente o corpo para Belle Isle.

E viu que, pouco depois de Abberline se ter ido embora, o bêbado também tinha partido.

O Príncipe Alberto havia morrido há alguns meses e, apesar de o seu gosto num género de barba perdurasse, a sua adesão à decência e às boas maneiras claramente não tinha passado para o público em geral. Parecia que estava a acontecer exatamente o contrário. Um manto negro e maligno cobria Londres. Havia quem deitasse as culpas na ausência da rainha. Ela continuava de luto por Albert e tinha ido para as Terras Altas para o fazer. Outros diziam que a culpa era do excesso de população; o cheiro horrível, a pobreza e o crime. Entre eles encontravam-se aqueles loucos que achavam que a melhor forma de resolver esse problema era construir um caminho de ferro subterrâneo. Outros ainda diziam que, na realidade, a culpa não era do excesso de população, mas sim da construção do caminho de ferro subterrâneo que tinha deixado a cidade num caos. Este último grupo salientava frequentemente que, até à data, o caminho de ferro subterrâneo só tinha piorado o excesso de população ao desalojar milhares de inquilinos das suas casas no Fleet Valley, o maior bairro degradado da cidade. O que era verdade.

“Ah, mas pelo menos livrámo-nos do maior bairro degradado da cidade”, dizia o primeiro grupo.

“Na verdade, não”, gozava o segundo grupo. “Apenas empurraram outro bairro degradado para primeiro lugar.”

“Tenham paciência”, rogava o primeiro grupo.

“Não”, dizia o segundo. “Não temos.”

Sentado na tábua da sua carroça, a segurar levemente as rédeas

numa mão, Abberline remoía o assunto, sobre como as pessoas mais importantes tomavam decisões nos seus clubes e salas de reuniões que os afetavam a todos. E com que fim? Veio-lhe à mente um verso de um poema de Tennyson sobre a Carga da Brigada Ligeira: “Eles não têm de se perguntar, eles só têm de fazer ou morrer.”

A sua carroça tremeu ao passar sobre os carris na direção dos edifícios altos e em espiral de Belle Isle que apareciam no horizonte como uma mancha de sujidade. Já conseguia sentir o cheiro nauseabundo dos matadouros de cavalos, dos cozedores de ossos, dos refinadores de gordura, dos trabalhos químicos, dos fogueteiros e das fábricas de fósforos.

À sua esquerda, um pobre idiota iludido tinha bravamente tentado cultivar um jardim de alimentos, mas as ervas daninhas que cresciam na vedação de ferro haviam-se apoderado e nasciam à sua volta. Havia crianças praticamente despidas a correr pelos baldios de ambos os lados, atirando latas velhas umas contra as outras e fugindo para os caminhos das casinholas. Em cada uma delas havia quartos e casas de banho coletivas e à noite os senhorios e os seus inquilinos amontoavam-se dentro delas, tal como o faziam no Rookery.

A sua carroça passou pelos matadouros de cavalos. Debaixo da arcada havia cavalos vivos cujo sentido de olfato e instinto certamente os tinham avisado do que lá vinha. Na fábrica, eram abatidos, depois a sua carne era cozida em tinas de cobre para fazerem comida de gato.

Nos pátios no exterior, havia homens em tronco nu a usar marretas para partirem os ossos, debaixo do olhar constante de grupos de crianças vestidas com trapos imundos e tingidos de amarelo devido ao enxofre que pairava no ar.

Abberline viu um grupo que se tinha claramente cansado de observar. Afinal, não era uma atividade com grande variedade. Em vez disso, montaram um jogo de críquete. Como não tinham o equipamento habitual, improvisaram, usando parte de uma armação de cama velha como taco, ao passo que a bola era... Abberline fez um esgar. Oh, Deus. Estavam a usar a cabeça decapitada de um gatinho.

Estava prestes a gritar-lhes, para os obrigar a terem pena e usarem outra coisa qualquer como bola, quando se apercebeu de uma criança que tinha vagueado para diante da carroça, obrigando-o a frear.

— Ei — gritou, gesticulando irritado para o jovem rufia. — Assuntos de polícia. Sai do raio da frente.

Mas o diabrete maltrapilho não se mexia.

— Para onde vai, senhor? — perguntou, pondo as duas mãos sobre a cabeça do cavalo, afagando-o. Isto fez com que Abberline amolecesse um pouco e se esquecesse da sua irritação ao ver o rapaz passar os dedos sobre as orelhas do animal e apreciando a rara intimidade daquele momento entre o rapaz e o cavalo.

— Para onde vai, senhor? — repetiu o rapaz, afastando o olhar do cavalo e virando o seu olhar endiabrado para Abberline. — Não vai para o pátio do matadouro com este, espero bem. Diga que não vai.

Abberline sentiu um movimento na sua visão periférica e virou-se para ver mais três malandros treparem por debaixo da vedação e virem para a estrada atrás dele. *Deixá-los vir*, pensou. *Não há nada de valor aqui atrás*. A não ser que um cadáver ensopado e a lona contassem.

— Não te preocupes, rapaz. Vou para a casa mortuária com um morto na parte de trás.

— É um morto? — Isto veio de trás. Era um dos recém-chegados.

Por esta altura já tinham chegado mais algumas crianças. Era uma pequena multidão delas ali à volta.

— Ei, tu. Sai daí — avisou Abberline. — Não há nada do teu interesse aí atrás.

— Podemos ver, senhor?

— Não, o raio é que não podem — gritou sobre o ombro. — Agora saiam daí antes que levem com a parte dura do meu cassetete.

O primeiro rapaz continuava a afagar o cavalo e levantou a cabeça para falar de novo para Abberline.

— Porque é que isso meteu a polícia, senhor? Ele meteu-se com quem não devia?

— Pode-se dizer isso — respondeu Abberline, já impaciente. — Afasta-te, rapaz. Deixa-me passar.

A carroça balançou e sacudiu e ele estava prestes a virar-se para admoestar os miúdos que certamente estariam a tentar olhar para debaixo da lona, os sacaninhas assustadores, quando a carroça balançou novamente. Desta vez, Abberline, irritado e com vontade de sair de Belle Isle, sacudiu as rédeas com força.

— Em frente — ordenou. Se o miúdo ficasse no meio do caminho, bom, isto tinha sido o seu aviso.

Seguiu em frente e a criança foi obrigada a afastar-se. Ao passar,

Abberline olhou para baixo e viu o diabrete a sorrir imperturbavelmente para ele.

— Boa sorte com o seu morto, senhor — disse, batendo com os nós dos dedos na testa de uma maneira jocosa de que Abberline não gostou. Em troca, limitou-se a gemer e sacudiu novamente as rédeas, fixando o olhar em frente. Passou pelo resto das habitações até ao portão da casa mortuária, onde tossiu alto para acordar um trabalhador que tinha adormecido numa cadeira de madeira e que o cumprimentou com o chapéu e lhe deu passagem para o pátio.

— O que temos aqui? — disse um segundo trabalhador da mortuária que emergiu de uma porta lateral.

Abberline tinha descido da carroça. À entrada, o dorminhoco fechava os portões e atrás dele o bairro degradado de Belle Isle parecia uma dedada suja em cima de uma janela.

— É um morto que é preciso manter frio para o médico-legista — respondeu Abberline enquanto segurava nas rédeas. O assistente foi para as traseiras da carroça, levantou a lona, olhou lá para dentro, depois deixou-a cair novamente.

— Você quer é o matadouro — disse simplesmente.

— Como assim? — disse Abberline.

O assistente suspirou e limpou as mãos ao avental.

— A não ser que isto seja uma piada sua, o que você quer é o raio do matadouro, foi o que eu disse.

Abberline empalideceu, logo a pensar no seu encontro com as crianças do bairro degradado e da maneira como a carroça tinha tremido, lembrando-se agora de que a sua atenção tinha sido tomada, inteligentemente, talvez, pelo miúdo que afagara o pescoço do cavalo.

Tal como pensava, quando saltou para a parte de trás da carroça e puxou a lona para trás, viu que o cadáver da fenda tinha desaparecido. Em vez dele estava um pónei morto.

O Fantasma tomava o mesmo caminho para casa todas as noites, levando-o a passar pela New Road e para lá da igreja de Marylebone. No átrio da igreja, por entre grupos decrépitos e caóticos de lápides, havia uma em particular para onde ele olhava quando passava.

Se a pedra estivesse direita, como era o caso na maior parte das noites, significava que não havia mensagem nenhuma. Se a pedra estivesse inclinada para a direita, significava perigo. Apenas isso: perigo. Cabia ao Fantasma perceber que tipo de perigo seria.

No entanto, se estivesse inclinada para a esquerda, então significava que o seu contacto o queria ver à hora e no local do costume.

Assim, após ter feito essa confirmação, O Fantasma dava início à sua caminhada de oito quilómetros para Wapping onde vivia, no Túnel do Tamisa.

Tinha em tempos sido considerado como uma das grandes maravilhas do mundo e mesmo ao nível do solo impunha-se no meio dos edifícios circundantes: um edifício octagonal de mármore em espiral que servia de átrio de entrada. Ao passar pelas portas que nunca estavam fechadas, atravessou o chão de mosaico até chegar a um edifício lateral, a casa de vigia. Durante o dia, os transeuntes tinham de pagar um *penny* para passar e descer os degraus para o túnel, mas à noite não. O torniquete de latão estava fechado, mas O Fantasma passava por cima, tal como as outras pessoas todas.

Tinha-se formado gelo nos degraus de mármore que desciam em



espiral para o interior do poço, por isso ele desceu para a primeira plataforma com mais cuidado do que o habitual, depois para a seguinte e finalmente para o fundo do poço: a grande rotunda, a mais de setenta e cinco metros abaixo do solo. Tinha sido vasta e opulenta em tempos, agora era apenas vasta. As paredes estavam sujas, as estátuas gastas. Os anos tinham vencido.

Ainda assim, era digno de se ver. Havia nichos escavados nas paredes de estuque sujas. Dentro desses nichos, enroladas entre sacos, viviam as pessoas da rotunda: necromantes, videntes e malabaristas que, durante o dia, vendiam os seus serviços àqueles que vinham visitar o túnel, o famoso Túnel do Tamisa.

Era o primeiro daquele género em todo o lado desde sempre. O Túnel do Tamisa partia dali, em Wapping, debaixo do rio para Rotherhithe e tinha levado quinze anos a construir, quase vencendo o Sr. Marc Brunel e tomando a vida do seu filho Isambard, que quase se afogara numa das cheias que amaldiçoaram aquela construção. Tanto um como o outro tinham esperança de ver o seu túnel ser usado por carruagens com cavalos, mas tal ficou invalidado pelo custo e, em vez disso, tornou-se numa atração turística. Os visitantes pagavam o seu *penny* para percorrer os seus trezentos metros de comprimento e toda uma indústria subterrânea emergiu para os servir.

O Fantasma passou do hall de entrada para a boca negra do túnel propriamente dito, com os seus dois arcos apontados a si como dois canos de pistola. Era largo e o teto alto, mas os tijolos comprimiam-se e cada passada que dava transformava-se num eco, enquanto a súbita mudança de atmosfera o fazia aperceber-se mais do abatimento. Durante o dia, centenas de lâmpadas a gás expulsavam a escuridão, mas, à noite, a única iluminação vinha das velas tremeluzentes dos que tinham transformado o túnel na sua casa: comerciantes, místicos, dançarinas e tratadores de animais, cantores, palhaços e vendedores de rua. Dizia-se que dois milhões de pessoas por ano passeavam pelo túnel desde que abrisse, cerca de dezanove anos antes. Assim que alguém conseguia arranjar lugar na boca do túnel, nunca mais saía, com medo que outro vendedor ambulante o roubasse na sua ausência.

O Fantasma olhou para os corpos estendidos dos comerciantes e artistas a dormir ao passar. Os seus passos ecoavam contra o chão de

pedra. Tentou ver para dentro dos nichos e passou a lanterna por cima dos que dormiam nos arcos da divisão que percorria todo o túnel.

Havia uma hierarquia rígida dentro do túnel. Os comerciantes tinham lugar na boca. Mais à frente, os desamparados, os sem-abrigo, os vagabundos, os miseráveis; depois, ainda mais à frente, os ladrões, os criminosos e os fugitivos.

Chegada a manhã, os comerciantes, que tinham interesse em garantir que o túnel estava livre de vagabundos e o mais limpo possível, ajudavam entusiasticamente os polícias a tirar as pessoas do túnel. Os vigaristas e os fugitivos já teriam partido antes de amanhecer. O resto, os vagabundos, os pedintes, as prostitutas saíam a resmungar e a semicerrar os olhos perante a luz do dia, agarrados aos seus pertences, prontos para mais um dia a viverem sem nada.

A lanterna do Fantasma iluminou uma figura adormecida na escuridão de um nicho. O nicho seguinte estava vazio. Ele balançou a chama para iluminar as arcadas da divisão do túnel e elas também estavam vagas. Sentiu a luz ténue esvaír-se atrás dele. O brilho que a sua lanterna dava era fraco, mas, de súbito, dançava assustadoramente contra os tijolos.

Surgiu um barulho apressado do meio da escuridão e ele levantou a sua luz para ver uma figura agachada num canto à sua frente.

— Olá, Sr. Bharat — disse o rapaz num sussurro.

O Fantasma foi ter com ele, levando a mão ao casaco para procurar uma grande crosta de pão que tinha guardado antes.

— Olá, Charlie — respondeu ele, dando-lhe o pão. O rapaz encolheu-se um pouco, demasiado habituado aos estalos e murros dos adultos, depois encarou O Fantasma com um olhar agradecido e mordeu o pão cautelosamente.

Faziam isto todas as noites. A mesma hesitação. A mesma cautela. E todas as noites O Fantasma, que não sabia nada do passado do rapaz a não ser que envolvia violência e abusos, sorria-lhe, dizendo:

— Vemo-nos amanhã à noite, Charlie. Tem cuidado contigo — e deixava ficar o rapaz no seu nicho, de coração partido enquanto se encaminhava para mais adiante no túnel.

Parou novamente. Aqui, noutra nicho, havia um homem com uma perna partida de uma queda nos degraus gelados da rotunda. O Fantasma tratara da perna e agora sustinha a respiração para evitar o

fedor a mijó e sujidade e certificar-se de que a sua tala ainda estava no sítio e se a perna estava a melhorar.

— És um bom rapaz, Bharat — gemeu o seu paciente.

— Já comeu? — perguntou O Fantasma enquanto via a perna. Não era um homem sensível, mas mesmo assim... Jake tresandava.

— A Maggie trouxe-me um bocado de pão e fruta — disse Jake.

— O que seria de nós sem a Maggie? — pensou alto O Fantasma.

— Morríamos em breve, era o que nos acontecia.

O Fantasma endireitou-se, fingindo olhar para o túnel de modo a conseguir respirar fundo sem aquele cheiro — ou quase.

— A perna está com bom ar, Jake — disse. — Mais uns dias e talvez consiga arriscar um banho.

— Está assim tão mau? — Jake riu-se.

— Sim, Jake — disse O Fantasma, dando-lhe uma palmada no ombro. — Receio que esteja mau.

O Fantasma afastou-se, andando cada vez para mais fundo no túnel, até chegar ao último dos nichos usados para dormir. Era aqui que ele e Maggie ficavam. Aos sessenta e dois anos de idade, Maggie era suficientemente velha para ser sua avó, mas eles tomavam conta um do outro. O Fantasma trazia comida e dinheiro e, todas as noites, ensinava Maggie a ler à luz de uma vela.

Por seu lado, Maggie era a mãe do túnel, uma porta-voz incendiária do Fantasma quando era preciso. Era uma figura intimidante e formidável. Não era de brincadeiras.

Poucos eram os que tinham coragem para avançarem para lá deste ponto. A seguir vinha a escuridão e não era por acaso que O Fantasma fazia aqui a sua casa. Mantinha-se ali como uma espécie de guarda fronteiriço a proteger as pessoas que dormiam no túnel dos celerados e facínoras, os criminosos e fugitivos que procuravam abrigo nas zonas mais escuras.

Antes de ali ter chegado, os fora da lei aproveitavam-se das pessoas que viviam no túnel. Tinha demorado um pouco. Tinha sido derramado sangue. Mas O Fantasma pusera um fim a isso.